



Galato



Visado pela
Comissão de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO VII—N.º 158
PREÇO 1500

... não demos a ninguém ocasião alguma de escândalo, para que não seja vituperado o nosso ministério; antes em todas as coisas nos portemos como ministros de Deus, com muita paciência nas tribulações, nas necessidades, nas angústias, nos açoites, nos cárceres, nas sedições, nos trabalhos, nas vigílias, nos jejuns; com castidade, com ciência, com longanimidade, com mansidão, com o Espírito Santo, com caridade não fingida, com a palavra da verdade, com a virtude de Deus, com as armas ofensivas e defensivas da justiça; por honra e por desonra; por infâmia e por boa fama; considerados como sedutores mas verdadeiros; como desconhecidos, mas conhecidos; como morrendo, e eis que vivemos; como castigados, mas não amortecidos; como tristes, mas sempre alegres; como pobres, mas enriquecendo a muitos; como não tendo nada, mas possuindo tudo.

SEIS ANOS DEPOIS

Com a resolução de fundar um jornal, dirigi naquele tempo meus passos vacilantes a Lisboa. A' passagem pelo Porto, tive ocasião de subir a um quinto andar da rua dos Pelames, o que veio atizar a minha ideia, pelas coisas que ali vi... Isto foi em Fevereiro de 1944. A casa de Paço de Sousa tinha nascido em Março de 1943; um ano.

O que vira e ouvira na rua dos Pelames, encheu-me o coração. Eu ia tomado de uma grande dor. Se até ali sentia necessidade de dizer, agora muito mais. Por outro lado, a experiência daquele pequenino ano, tinha-me ensinado que os jornais de grande tiragem, não aceitam ninharias; só coisas sérias e importantes. E um deles, que julgo por delicadeza aceitou, deu o meu artigo à estampa por tal forma mutilado, que perdera com isso toda

a verdade e sabôr. Por tudo isto, crescia dentro de mim o desejo de falar.

Em Lisboa indicaram-me a repartição aonde havia de tratar. Vieram os senhores. Eram oficiais do exército. Quente ainda da minha visita ao quinto andar dos Pelames e sabendo das naturais recusas da Imprensa, eu desatei a falar àquelles senhores; que era preciso dizer a verdade toda. E disse e disse e disse. Os senhores não abriram a boca. Não fizeram um gesto. Mandaram-me esperar. Retiraram-se do gabinete, deixando-me ali sozinho! Já sei, disse eu para mim mesmo. Falei de mais. Vou ser preso. Adeus jornal. *Portemo-nos como ministros de Deus nas tribulações, nas angústias, nos cárceres.*

Aqui é Paço de Sousa. Trata-se de pelar batatas que os maiores semearam, colheram, guardaram e agora todos comem delas.



Roubaram-lhe a' bola! Este pequenino andava por lá e agora não. Está junto da cruz!



A hora da merenda no Lar do Galato, em Coimbra. Cada um é cada qual e nós temos de os orientar consoante. Esta é a regra A regra natural. Outras que se põham, não fazem Obra.



ISTO É A OBRA DA RUA

Chega-nos à mão mais uma fotografia que atesta, eloquente, a expansão dos rebentos da nossa Obra. Continuamos, pois, a frutificar.

Coube agora a vez ao José de Oliveira Benedito, que nos acaba de presentear com uma foto, onde está com sua mulher e filhinha, de 5 meses de idade.

A Obra da Rua tem, assim, mais uma neta.

Apraz salientar a boa conduta de todos os nossos Rapazes que têm contraído matrimónio.

Semanas depois o jornal via a luz do dia e começou desde a primeira hora a ser em Portugal e para os portugueses, uma grande luz. Todo ele é um programa; o programa do Evangelho. De propósito chamamos hoje aqui o testemunho de S. Paulo. Estas suas palavras duras, não foram escritas, nem são dirigidas a elites. Eram sim para as comunidades cristãs de Roma. São hoje para as comunidades cristãs de todo o mundo. Pujantes ontem como agora, nada perderam do seu valor. Os cristãos é que sim. Tanto assim é que estranha-se. Fala-se. Admira-se. A obra da Rua anda na boca de toda a gente. Uns amam-na, outros atiram-lhe pedras; e todos a sentem.

E tudo isto é só porque os cristãos de agora, perderam o sabôr.

Não compreendem como é que sendo um pobre, possa enriquecer muitos; e não tendo nada, possa, na verdade, possuir tudo. Não compreendem.

Todos eles têm sabido respeitar o mandado explícito de Senhor: «crescite et multiplicamini» (crescei e multiplicai-vos).



O Benedito com sua mulher e filhinha de cinco meses.

Quem fizer uso do matrimónio e não quiser filhos, violenta a natureza e merece a reprovação da sociedade.

Parabéns ao José Benedito e a sua esposa.

Esperamos que ele veja o seu sonho realizado e se desloque até A'frica, a juntar-se aos companheiros.

Alfaiate especializado com o corte «Maguidal», deixou a arte pela falta de trabalho, mas fez-se electricista e maquinista dos Serviços Municipalizados de Coimbra.

Aguarda que alguém d'A'frica o chame.

H. F.

P. S.—Estamos a trabalhar nesse sentido. Que o Benedito não desanime. Ele e o Benjamim. Breve se espera que os dois possam bater o pé aos cobiçosos e dizer-lhes aqui ali é Portugal.

P. Américo.

A nossa Tipografia



O Jacinto. O mono que certo asilo um dia botou fora e nós aproveitamos. Trabalha com uma «Minerva», e também impõe na máquina grande.



O Daniel. Este rapaz ficou distinto no seu exame. Nas horas vagas aplica-se a trabalhos tipograficos por sua conta e risco. E' uma grande esperança da tipografia.



O Fozcoa, esperança dos compositores. Este, como todos os outros, escolheram a profissão.

E um assinante da casa dos quatro mil, de Vila do Conde. Diz ele que tem pena de não ter visto ainda na procissão gente de Vila do Conde, e eu ainda tenho mais. Quanto ao resto, cumpri. E dez moedas de prata de uma assinante. E um médico portuense. E meia dose. E um na tabela. E de Cantanhede trinta escudos. E a primeira prestação de vinte de Torres Vedras. E um senhor de Angola. E Guimarães com cem. E um enfermeiro de Moçambique. E um sacerdote do bispado de Coimbra. E meia dose de Coimbra. E trinta da Lourinhã. E um menino de Lisboa com setenta e cinco escudos. E meia ração de algures. E Vizela com cem. E um pároco de Lisboa a valer por três. E cinquenta do primeiro ordenado de uma das minhas irmãs da Figueira da Foz. E uma subscrição de Coimbra que rendeu 56\$30. E Beja com duzentos. Os alentejanos estão a vir à razão; até já consta que uns senhores pretendem dar uma herdade à casa do Gaiato. Dar. Dar em vida. Quem deixa não dá. Uma senhora do Porto que mora em Lisboa, também vai na procissão. E o Porto. E Cabeceiras de Basto. E Mata de Lóbos também vai na procissão. E o pessoal do 6.º sector dos correios de Lisboa, também vai. E Mirandela. E Ermesinde. E Lisboa a dizer que já estava cheia de saudades de fazer isto.

A carta não traz nome nem nada. Aquê *isto* era uma nota de quinhentos. E o Porto. E a segunda prestação de 50\$00 escudos de Coimbra. E duas notas de vinte. E o mesmo do meu primeiro ordenado. Actos heróicos. A procissão é feita de heroísmos. E cem escudos. E metade de S. Gabriel. E vinte de Leiria. E cinquenta de Ferreira do Zezere e vinte do Porto. E o Hermínio de Lisboa, pela segunda vez. E um de Lobito a valer por dois. E Leça. E Lisboa. E o Henrique do Porto pela segunda vez. E cem escudos. E de um velho assinante a valer por vinte. E Lisboa com meia. E o assinante 9978 a valer por três.

E os Professores mai-las Alu-

nas do Instituto de Odivelas também enfileiram com trinta e uma notas de cem. Honra lhes seja!
Continhas:

Antes 294.300\$00
Agora 8.700\$00
303.000\$00

Só faltam 197 contos. Mas isto é nada. Isto não presta; é dinheiro. O que vale são os rapazes que hoje aqui damos. A sua aprendizagem. A alegria transbordante do seu trabalho. O lugar de onde eles vieram. O que eles amanhã seriam, e o que eles hão-de ser. Eis aqui o valor da tipografia. Os Professores do Instituto de Odivelas, bem [como todos quantos seguem no cortejo, a-sim compreendem. O dinheiro por si, enquanto a si, é a maldição.



Outra vez o panorama das oficinas e das escolas. Que ninguém se canse de olhar. Os olhos são feitos para o Belo. Os nossos rapazes, passam ali dentro muitas e muitas e muitas horas a embelezar e a enriquecer o seu espírito.

Notícias da Casa de Miranda

1 Temos cá um enfermeiro, que é o Monarca e uma linda sala destinada a enfermaria. Já não é a primeira vez que sucede ele mandar pedir à costureira lençóis para servir de ligaduras. Porquê? Porque ele não as tem e não há dinheiro para as comprar. Ultimamente tem aparecido gaiatos com graves feridas. Nos pés e



O Júlio Mendes. Este rapaz foi sempre o Júlio e às vezes, o Senhor Mendes; mas alcunhas não. E' o número um da nossa tipografia. Nunca jogou a bola. Não lê jornais desportivos. Mas ele é o meu jornal. Quando pretendo saber dos tombos do mundo e da política e das pessoas, vou ao Júlio. O rapaz entusiasma-se. Incendeia-se. Esgota-se e esgota.

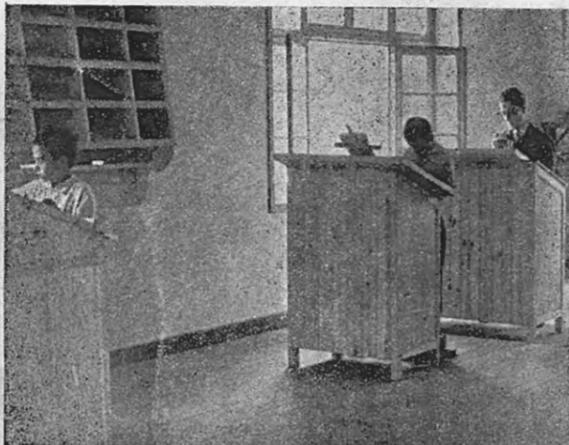
nas pernas. principalmente o Rui o Mário e o Castelinho. Este último tem sido o que tem andado mais ferido, e não há ligaduras para se lhe pôr.

2 No dia 5 do mês passado realizou-se a festa no lugar dos Bujos, ao seu padroeiro S. Brás. Na véspera estrelajaram muitos foguetes em sinal de que a festa se realizava no dia seguinte. Logo ao amanhecer, todos os habitantes deste simpático lugar acordaram ao som dos gaiteiros. Durante a missa os gaiteiros não tocaram. A missa não foi acompanhada a cânticos, como nos anos recuados. A tarde os gaiteiros vieram cá muitas pessoas de várias localidades, e com o fim de visitarem a nossa magnífica casa. A noite terminou a festa para os de casa. Agora esperamos ansiosamente do ano que vem.

3 Venho agradecer no famoso os livros que nos têm mandado. Temos recebido muitos embutidos, um dos quais numa escola feminina de Espinho que diziam: *estes livros são para os gaiatos de Miranda é uma oferta das meninas da 4.ª classe*, e temos recebido lápis, borrachas, e aparos, etc. e esperamos por mais principalmente para 1.ª classe aparos e livros. Muito obrigado a quem nos tem socorrido.



O Candido do Barredo, veio parar á nossa aldeia, aonde hoje junta letras e faz prosa a composição.



Janelas rasgadas deixam entrar a luz. Os aprendizes querem ser mestres, e aprendem. Acabou-se para eles a escola da rua.



O Manuel do Barredo não perdeu nada com a mudança. Por lá, andava sujo e triste. Hoje, anda também sujo,—mas é das tintas da impressão.



O Zé da Lenha, de quem nos temos ocupado muitas vezes, com gaudío dos nossos leitores, tipografo-impressor



Casa do Gaiato em M. Inche

NOTA DA QUINZENA



O Avelino. Cá em casa, chamam-lhe o *senhor doutor* e ele gosta! É o responsável pelo movimento de 23.000 fichas. Não aquece com o jôgo da bola. Dá-se à música, aos selos e aos estudos. Aqui há tempos, uma assinante escreveu-lhe a pedir que a avisasse do dia em que ele, Avelino, tencionava mudar de estado, por causa de lhe dar o enxoval. Ora vejam!

O derradeiro número de *O Gaiato*, coincidiu com as patuscadas carnavalescas; e nesse mesmo número, vinha o *Aqui Lisboa* do Padre Adriano; duas forças antagónicas.

Um dos nossos assinantes leu e feriu-se. Ele tinha mesa marcada para a ceia daquela noite, a qual fôra justa por trezentos contos da nossa moeda. O assinante, andou o dia inteiro indeciso se havia de ir ou não.

Chegam as horas e a esposa bate à porta. Tinham mesa e lugar. Ceia de gala! Ele entra nos seus aposentos e começa a preparar-se. Ai vem o *Aqui Lisboa*... A esposa também entra, engrinaldada, e pergunta: *mas que tens tu hoje?* Ele não tinha nada,

tanto que foi ao baile mai-la sua mulher. Não tinha nada. Era *o Gaiato*; *o Gaiato* é que tinha *Aqui Lisboa*..!

Há muita gente que repara e admira-se de que a Censura nos deixe passar tanta coisa; muita gente se admira. Eu cá não.

Eu admirava-me, sim, se ta não acontecesse. A Censura está mais para cortar a intenção do que a palavra. A nossa intenção é recta. A nossa intenção, não é das que enchem o inferno; ela vem-se traduzindo em acção. Ora isto não se corta. Porquê? Porque a intenção da Censura também é recta. Eis.

Nós agimos e falamos para que o mundo saiba e sinta e chore. Não somos contra a sumptuária. Não somos contra as ceias. Mas queremos que o mundo que d'elas precisa, se lembre também dos que precisam de pão. Aqui é que está.

campo em condições e resolveram chamar-nos ao campo Mário Antunes em Miranda do Corvo, onde perdemos injustamente.

A nossa Conferência

No dia 19 de Fevereiro de 1950 reuniram-se os rapazes da Conferência de S. Vicente de Paulo da Casa do Gaiato com assistência de todos os confrades, assistente e presidente. Em primeiro lugar, rezaram-se as orações habituais e em seguida fez-se a leitura Espiritual pelo livro *Quem és tu rapaz?* do qual lemos algumas frases.

Seguiu-se o inquérito:

O presidente interrogou os confrades. Nas Miãs o pobrezinho ficou muito contente com a panela que lhe demos e a outra estava a rezar o terço pela Paixão de Deus. No Corvo o pobre está um pouco melhor. Já compramos o lenço à pobre da baixa, se não nos esquecermos lá lhe irá ter na próxima distribuição. No Carapinhhal a pobre estava a fazer o almoço. De resto todos os nossos pobres estão bons. Como não havia mais nada a tratar fez-se a Colecta que rendeu 18\$00 e encerrou-se a reunião com as orações finais.

JOSE' MARIA SARAIVA



O António sapateiro; ele representa aqui todos os seus colegas, em homenagem ao dia d'anos do *Famoso*.



O Rui alfaiate. Também este se apresenta em nome dos mais da Oficina, saudando *O Gaiato*.



O Guilherme carpinteiro; o tal do fuero! Cautela com ele! Está aqui a dizer que são oi'o d'eles nas oficinas, e que todos amam o seu jornal.



O Gastão está aqui a saudar as doces primaveras de *O Gaiato*, em nomes dos troilhas e dos pedreiros da aldeia, que ele representa. Há dias veio cá a mãe dele, com outra. Pareciam duas fidalgas e eu disse-lhe que levasse o filho. *O meu padre; isto é tudo miséria doirada..!*

4 Com respeito aos selos temos recebido também muitos. Ainda há dias o Fala-Barato recebeu uma carta da Inglaterra com esta direcção: Ana da Conceição Cardoso 164, Carter Knowle Roald Sheffield 7, Inglaterra. A carta é azul e vinha cheia de selos estrangeiros. Ela dizia as seguintes palavras: *Como assinante do gaiato acabo de ler que é um bom coleccionador de selos; a quem tenho o prazer de enviar uns pouquinhos para colecção. Com sinceros cumprimentos. Ana da Conceição.*



Mais belezal! Estas pedras são da massa das lages onde antes dormiam, sim, mas não tão frias. Nem tão duras. O Amor tudo transforma.

5 Temos a nossa capoeira quase vazia isto é, quase sem galinhas. Temos patos e patas, só não temos perús nem ovos para chocar. Temos poucas galinhas e já não põem ovos por serem velhas, só umas três ou quatro é que põem. Andamos quase todos os dias à procura de galinhas chocas para chocar. Este ano ainda não encontramos nenhuma galinha choca. Se houver alguma alma bondosa que se lembre de nós pediamos-lhe o favor se nos podiam mandar uma chocadeira e alguns ovos de Perú e de galinha de raça que não temos nenhum.

6 No dia 12 do mês passado realizou-se no campo Mário Antunes em Miranda do Corvo mais um encontro de Futebol entre os *gaiatos*,

e a Escola Agrícola de Semide. Desta vez foi a destorra e perdemos 5-4 mas pode dizer-se que o árbitro esteve sempre a favor dos visitantes e por isso fez uma arbitragem parcial.

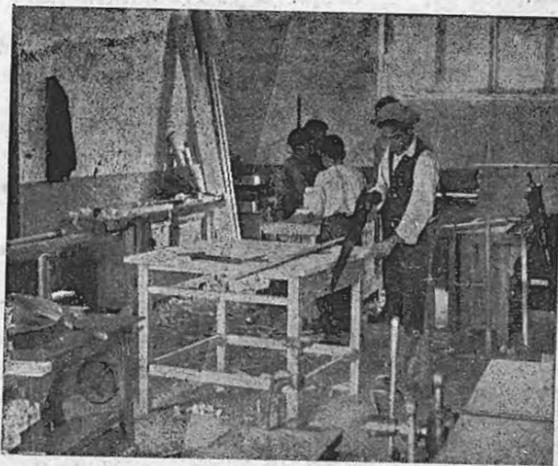
O grupo de Semide foi reforçado com jogadores de fora. Os autores dos tentos foram. Oliveira dois, numa grande penalidade e num livre perto do meio do campo Alfredo na marcação dum canto contra os visitantes e Lisboa I com um remate de cabeça também na marcação dum canto bem apontado por Oliveira. Nós eramos para ir a Semide mas eles não tinham



Tenho pena do Zé Barros ter ficado mal no retrato, mas ele não é nada assim. Ele é bonito. O que ele é é muito bravo, e ainda bem não, está pegado com os outros tipógrafos.



O Fernando, de quem a tipografia muito espera. É da composição



Officinas de carpintaria. Tenho pena de não ter à mão o retrato do chefe; António dos carpinteiros, como ele é conhecido na aldeia. Tenho pena. Alguém há que muito havia de gostar; a sua namorada!



randos enchem na fonte!

O que nos dão no Tojal

Não sei quem nos veio dizer que, através do famoso, via um mundo melhor. E é verdade.

Nós estamos habituados a ler e ouvir as mais ásperas censuras à ambição, ao egoísmo e mais vícios dos homens; talvez pensássemos mais se procurássemos dar relevo à bondade que Deus deixou no coração humano. É o que faz O Gaiato. Daí a verdade da observação, verdade que é a alegria de muitos.

O escândalo é de si mesmo estrondoso; a virtude é por natureza apagada. E preciso pôr em evidência esta, e abafar quanto possível aquele.

Alegro-me por ser testemunha de muitas e variadas provas de extraordinária simpatia para com a Obra. A caridade não acabou. Eis algumas:

A última hora, num destes domingos, recebi a incumbência de fazer o peditério em S. Domingos.

Uma igreja imensa, o coração de Lisboa, a presença de Ministros, e o meu inato horror pela arte de Cicero, era tudo mais que suficiente para um desaire completo. Mas a obediência urgia. Lá fui. Gaguejei. Os Rapazes ajudavam-me a recolher.

O Preto veio contar-me que uma velhinha muito pobre correu a casa e voltou com 50\$ que lhe entregou; o Chochas viu um polícia entregar 50\$. O Pedro dava pulos de contente ao contar notas de 500\$; eu ia deixando cair com o peso a bandeja, quando uma senhora ao deitar o seu óbulo declarou baixinho—sou do Porto.

Em casa, feitas as contas, encontramos 17 quilos de moedas e notas, num do total de 21 contos e meio.

Através do Gaiato os cientes parecem melhores... Num dos últimos jornais o Pedro pedia aqui os apetrechos para a barbearia do Entroncamento. Um Senhor correu logo a dizer que era ele quem dava, e deu. Outro, fez uma subscrição que abriu, com 500\$, entre o pessoal duma Companhia de Seguros, e arranhou para uma caixa completa de todos os utensílios necessários. Um empregado duma barbearia deu também do que tinha e talvez lhe fizesse falta; o senhor Doutor fez o mesmo, resultado: o Entroncamento deu agora três pentes, quatro navalhas, 4 pinces, 5 máquinas etc. etc. Basta por agora!

Do Montepio o profeta trouxe uma carrada de embrulhos com calçado, roupas novas, e roupas usadas, revistas, uma panela, de ferro fundido e esmaltada de Oeiras óptimas para as colónias de Férias que vão começar a funcionar em S. Julião da Ericeira, em alojamentos cedidos pelo Ministério da Guerra. Não temos lá mais nada; precisamos de tudo.

Também no Montepio apesar da ausência da Sr^a. D. Irene que está na casa a restabelecer-se de fractura duma perna, outros atenciosos Empregados continuam a receber assinaturas e donativos. Andam listas no Banco de Portugal, casa Africana, Gaz e Electricidade etc. As que este ano já entraram, são como ábelhas carregadas de mel: seis contos e quê.

O Sr. Cardeal anunciou um donativo de 10 deles. Os empregados da Vacuum e Productos Lacteos com vinte e este ano vão pelo mesmo. Visitantes, menos. E o futebol, são os cinemas. Bem podiam eles compensar-nos da ajuda que

nos roubam. S. Jorge vai falar. Esperamos. As Empresas de petróleo Shell e Vacuum também falaram, uma com 150\$ e outra com 250\$. Em cartas anónimas 500\$ mais 100\$, mais 20\$ mais 40\$ mais 50\$.

O Pedro tem ido por camas, embrulhos, e outros donativos. Há dias veio perguntar, muito impressionado—por que é que muitas pessoas ao entregarem as coisas, se largam a chorar?

—É pela alegria de poderem dar ou com pena de não poderem dar mais...

Mais peixe de Bucelas, coisas de Trancoso, uma grafonola de Lisboa, três camionetas de matérias de construção dum Senhor Engenheiro de Lisboa e uma carrada de teijolo da primeira fornada duma fábrica nova.

A Câmara M. de Loures voltou à carga e para não ficar a dever nada à de Lisboa e empatou por 4-4.

Quando o Pedro regressava com o dinheiro a Polícia de trânsito fez alto:—que leva aí?—4 contos que nos deram na Câmara.

Muito bem! Fizeram só bem. Vai com geitinho para não caíres da bicicleta abaixo...

No outro dia era o carro que voltou carregado de papel que nos deram na cervejaria Portuguesa. A polícia fez alto.

—Que vai aí no carro?

—Papel, que nos deram!

—Muito bem. Vejam se arranjam muito, porque a casa bem precisa. Sigam.

Até, através do Famoso, a política parece melhor...

Aqui no Tojal, também o mundo vai parecendo melhor. Há operários da Abelheira que já não dispõem O Gaiato. Um senhor ofereceu uma dúzia de carradas de mato; e outro 5 alqueires de trigo. Os visitantes do Porto começam

NOTÍCIAS DE LISBOA

1 A nossa venda do jornal tem continuado muito boa.

Ao domingo, das 9. ao meio-dia vamos às igrejas e à segunda-feira vamos à Sacor, Companhias de Seguros, União Fabril, Correios, e C. P. que nestas alturas está muito mal com falta de dinheiro, por isso só podemos vender o famoso ao dia 26 de cada mês que é quando os empregados recebem o ordenado. A venda que nos deu mais lucro para a nossa casa foi a da quinzena passada que nos rendeu 2.600\$00.

2 Aqui há dias telefonaram da Póvoa de Santa Iria para irmos buscar com um carro uma vaca que lá estava para a casa. Fomos à procura cá nos arredores se encontramos alguma camionete mas não se encontrou nenhuma, levou-se o nosso carro de bois cheio de erva para a vaca que estava com fome; quando lá chegou o lavrador mais um dos nossos rapazes encontrou também um suíno muito gordo. A vaca estava cheia de leite. Os pobres da Póvoa correram todos com bilhas e deu-se um pouco a cada um. A vaca veio a pé e o suíno no carro. Já estamos a comer dele. Ficamos muito agradecidos aos Senhores que nos deram.

Os animais foram despachados dos Quintos. Andamos a ver no mapa. É uma estação para lá de Beja.

NOTÍCIAS DO LAR DO PORTO

1 Mais um dos nossos rapazes que embarcou para a África. Desta vez foi um do nosso Lar, o José dos Reis de



O Zé Reis que a estas horas deve estar às portas de Lourenço Marques.

também a aprender para cá o caminho. O primeiro enviou daqui para Cete um telegrama com duas palavras—Te Deum; outros vão para Lisboa conquistar a cidade: Querem aqui o que eles têm já em Paço de Sousa. Mais promessas cumpridas; Assinaturas pagas; depósitos no Banco Espírito Santo. Para a procissão da Tipografia veio um amigo da obra e uma empregada dos C. T. T. «para que o S. lhe abençoe um filho que é toda a sua vida» mais outra e outra e uma meia. De uma avó que queria dar mas faleceu. Mais duas dúzias de lençóis, duas colchas, muitas miudezas que os vendedores do jornal trazem, dois litros de azeite muitos metros de riscado, missal para crianças, um album de Alcobaça etc.

Mais 1.000 do G. dos Industriais de Arroz—300\$ dos Productores de Trigo e 42 Kg de bacalhau, outros tantos de massa e metade de açúcar, dos Armazémistas de Mercadoria. Até os grémios através destas colunas se vêm doutra cor»

P.^e Adriano

dezoito anos de idade, trabalhava na Fiat.

Nós os Gaiatos do Lar do Porto unicamente desejamos que ele saiba espalhar nas terras de além—mar os frutos que dentro da Obra da Rua soube aproveitar.

Desejamos ainda que ele seja muito feliz e que jamais esqueça a casa que durante oito anos o orientou para que tomasse uma posição no meio da sociedade.

Estes são os sinceros desejos de todos nós.

2 Pela primeira vez no Lar do Porto, formou-se uma equipa de futebol.

Já todas as casas têm o seu grupo, portanto agora chegou a nossa vez. A primeira dificuldade que nos apareceu, foram as camisolinas e calções, mas graças ao bom entendimento das nossas casas, o grupo de Paço de Sousa cedeu-nos uma equipa das que tinham vindo do Brasil. Em seguida foram as chuteiras, um Senhor do Porto sabendo da nossa dificuldade enviou-nos uma carta dentro da qual dizia: Envio uma chuteira para o nosso grupo de futebol e faço apelo a outro Manel para que envie a outra chuteira. Assinava-se Manel e dentro da carta vinham cem escudos.

Sim! realmente seria esta a maneira rápida de conseguirmos as chuteiras, mas o Pai Américo sabendo da nossa iniciativa e querendo participar da nossa alegria, deu-nos as desejadas botas.

Como nos faltasse o principal ou seja o campo, o Académico F. C. gentilmente nos ofereceu o seu, pondo tudo à nossa disposição.

A' Dig.^{ma} Direcção muito obrigado. Tudo isto já se conseguiu faltando apenas comprar a bola, joelheiras e etc.

Esperamos um futuro cheio de vitórias. Vamos a ver!...



O Amadeu. É irmão do Júlio. Trabalha nos Serviços Pecuários e é um dos conselheiros do chefe do Lar do Porto. Anda muito contente, por lhe constar que os seus Superiores deram boas informações dele para Lisboa, e cheira-lhe a promoção. Mas não acaça mais dinheiro, ainda que lho dê. Vinte e cinco tostões por semana como até aqui. Nem mais cheta. Que o senhor Amadeu lique sabendo.

3 O sr. P.^e Luís foi agora tomar conta da Casa de Miranda do Corvo. Foi por lá que começou o sr. P.^e Américo, depois o sr. P.^e Manuel, sr. P.^e Adriano, e agora o sr. P.^e Luís. Ele aqui andava quase sempre doente. Deus queira que lá tenha melhor saúde.

4 Temos tido poucos visitantes a ver a nossa casa. Se não sabem aonde é, metam-se numa camionete que parte da Rua da Palma a Bucelense.

Ao chegar a Loures viram para Bucelas e chegando ao Tojal param e olham para a torre da igreja. A casa é mesmo ao pé. Andamos a fazer uma tabuleta para colocar no largo. Já pedimos à Junta das Estradas mas lá esqueceram-se. A gente o que quer é que todos estejam de acordo em nos trazer muitas notas para ajudar a nossa obra.

5 Fomos aqui há dias ver o camião gigante que, tem tantas rodas como uma centopeia de patas que vai para Castelo Bode. Passou aqui perto. O nosso Overland teve de ir nesse dia a Lisboa buscar carvão e ferro. Como não podia passar pela estrada, meteu-se no rio e galgou por muito atalhos. Ficou cheio de lama e a polícia mandou-o lavar. A volta rebentou três vezes. Se nós tivéssemos fragonete já isto não acontecia, pois precisamos muito dela.

CARLOS ALBERTO LOPES

3 Mais rapazes que entram no Lar do Porto. São eles: o Maximiano que era o pai de Paço de Sousa; está a trabalhar numa padaria.

O Daniel do campo; foi para uma fábrica de chocolate.

Recebemos de novo o Fabião. Este rapaz já esteve dentro da nossa Obra, mas a sua tia resolveu vir buscá-lo julgando que em casa estava melhor. Passado algum tempo, ela resolve também pegar no fato do rapaz e pô-lo no prego, para em seguida expulsá-lo de casa. Tem dezassete anos, andava a dormir pelos banco dos jardins. Hoje, com ordem do nosso Pai Américo e por vontade nossa, ele encontra-se de novo debaixo das nossas telhas.

Que a senhora D. Tia não resolva tornar a vir buscá-lo, são os nossos maiores desejos.

CARLOS